

## Contribuições do nominalismo para a crítica à metafísica: de Ockham a Nietzsche

### Contributions of nominalism to the critique of metaphysics: from Ockham to Nietzsche

FERNANDO SAUER<sup>1</sup>

O movimento filosófico do período medieval desenvolvido pelos pensadores da escola de Oxford, que surge a partir das reflexões a respeito da querela dos universais, denominado *nominalismo*, dá início a um paulatino processo de cisão com o pensamento escolástico, a saber, corrente filosófica que colocava a filosofia a serviço da teologia, tendo sido Tomás de Aquino seu mais famigerado representante. O *nominalismo* empreendeu por desvincular o pensamento filosófico do teológico, fé e razão, questionando a autoridade desta (razão) nas questões relativas a Deus, sendo estas somente apreciadas pela revelação (fé), movimento que reverbera por toda a história da filosofia desde então de maneira eminente, se nos dispusermos, seguindo a tradição, a dividir a filosofia em etapas, ao menos até o fim da modernidade, onde o *nominalismo* culminaria com o pensamento sobre a linguagem de Friedrich Nietzsche, abrindo alas para modo de pensar da contemporaneidade, especialmente com Martin Heidegger, como salienta o filósofo italiano Gianni Vattimo em sua obra intitulada *O fim da modernidade* (VATTIMO, 2002).

A reflexão nominalista, que surge paralela e em contraposição ao realismo, a saber, teoria que herda a definição de verdade aristotélica e escolástica na qual se defende a possibilidade de se adequar a palavra à realidade factual. Na escola de Oxford, já pode se notar essa dicotomia ao compararmos seus dois últimos grandes representantes, Duns Scotus, a quem poder-se-ia ao menos atribuir a alcunha de *semi-realista*, e aquele em que o *nominalismo* alcançará seu auge no período medieval, Willian de Ockham, que, em detrimento às elaboradas reflexões metafísicas escolásticas, formula o princípio da *parcimônia*, onde propõe que a explicação mais simples possível para os fenômenos venha a ser a melhor, se contrapondo ao caráter prolixo da linguagem nas construções argumentativas da metafísica tradicional, pois, segundo Ockham (1973), uma vez que as palavras não passam de figurações, sem valor de verdade verificável, quanto menos palavras, mais precisa, ou ainda, menos obscura a resposta.

A crítica de Ockham à metafísica, fundamenta seu pensamento a respeito da linguagem, Inclinado a refutar a existência dos universais, ele advoga contra o caráter de subjetividade dos conceitos assim considerados (universais), no âmbito da lógica,

---

<sup>1</sup> Graduando em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: fernandosauer17@gmail.com

onde se propõe “jogar o jogo” da metafísica, analisando os argumentos dos defensores dos universais, argumenta pois, se uma proposição que primeiro se faz ideia é sempre expressa pela linguagem, seja falada ou escrita, se restringindo, como afirma o nominalismo, ao âmbito ideal, como convenção, debitária da criação da mente, não podendo ser verificada como substância, e se as substâncias são unas, então todos os particulares se chamariam (ou mesmo seriam) a mesma coisa, se admitir-se porém que as substâncias são muitas coisas universais, implicaria um processo infinito de vir-a-ser de universais. uma vez que, não poder-se-ia pela razão falar algo de razoável a respeito de termos universais, “universais são absurdos”, nas palavras do próprio Ockham, reservamo-nos as explicitações sobre tais características divinas ao campo revelação, à graça, “poder-se-iam alegar muitas outras razões, que omito por amor à brevidade.” (OCKHAM, 1973).

Sustentando-se nos termos até aqui explanados, faz-se razoável propor que o nominalismo seja um mártir da decadência do modo de pensar medieval até então, bem como atesta-se sua importância para o pensamento cientificista moderno. Indo além, poder-se-ia ousar em atribuir-lhe o mérito de servir como um dos prelúdios que dariam bases ao desenrolar histórico que alicerçam a, segundo Heidegger, consumação (*vollendung*) da metafísica em Nietzsche (HEIDEGGER, 2010). Por conseguinte, atemo-nos às seguintes questões que suscitam de tais pressupostos: a) o que quer dizer essa consumação proposta por Heidegger? b) como o nominalismo contribuiu, o que se segue dessa contribuição na releitura nietzschiana da história da filosofia? contribuição que correlacionaram Ockham, para além de estopim do pensamento cientificista também, ainda que ele mesmo não o tenha pensado, complô para a crítica à própria objetividade científica no fim da modernidade, com a filosofia do minucioso martelo de Nietzsche.

Na tentativa de ao menos tatear o que emerge dessas questões, as quais poderiam cada uma lograr de um profundo tratamento em particular, conduzimo-nos tomando partido, não obstante as alegáveis discrepâncias, das ideias *comungadas* por Ockham e Nietzsche, a começar, com o sintoma da dissolução entre fé e razão que Ockham preconiza, e Nietzsche constata na eminente sentença: “Deus está morto”, e quem o teria matado? O homem (NIETZSCHE, 2001). Proposição que se segue do florescimento do pensamento científico na modernidade, que, importa considerar ainda que sinteticamente, a “morte de Deus” (desvalorização da orientação teológica), significa a aspiração do homem em elevar-se da antes condição de criatura, para criador, é o que marca a passagem da orientação do conhecimento humano, antes firmada em Deus, para a ciência centrada no homem, é razoável atestar a importância dessa mudança na orientação em contornos do cenário de culminância dos idealismos ainda por vir.

Com Nietzsche é que a precursão da filosofia nominalista receberia contornos mais decisivos para a história do pensamento ocidental. Pois ainda que o homem

tenha aspirado a condição de criador, não logrou dessa incumbência orientando-se pela afirmação do que propriamente a vida<sup>2</sup> é. Na ciência moderna camuflam-se os universais, transmutam-se os valores, e o autor de *crepúsculo dos ídolos* bem salienta os pressupostos científicos que partiam das mesmas premissas metafísicas, do que o filósofo da escola de Oxford já havia chamado (não sem gerar grande comoção) “absurdo”. Eis a constatação de uma avaliação valorativa da vida que Nietzsche chama *vontade de verdade*, a verdade a ser revelada como absoluta, a busca pela unidade e permanência de que pressupõem os conceitos universais no saber pelo saber, sem assumir o caráter metafórico, fictício-representativo a que Nietzsche propõe conferir à linguagem ao se referir a natureza caótica do devir que é inerente aos entes. E o que se arrola desta crença na verdade, seja de pretensa ou velada transcendência (que se supõe imanência no pensamento científico), é o *esquecimento*<sup>3</sup> do modo de ser da vida, conduta empobrecedora das forças vitais, o que Nietzsche chamará de *niilismo*. Conceito ao qual dedicarei, com amor a brevidade, bem à moda de Ockham, que julgamos, teria o consenso de Nietzsche, os próximos parágrafos, pois apreender as implicações da crítica embutida neste conceito é fundamental para que se possa entender o que se caracteriza como a consumação da metafísica de que nos fala Heidegger, e o que se segue dela, a saber, a virada no modo de se fazer filosofia que marca a passagem do período moderno para o contemporâneo.

O empreendimento de elucidar a crítica nietzschiana ao niilismo, nos convida a uma breve incursão pela história da filosofia, em uma apresentação deliberadamente panorâmica, notemos que Nietzsche julga que já no pensamento socrático-platônico, o homem tem a orientação corrompida, pois fundamenta-se em uma diligência na avaliação dos valores, marcada pelo descaso aos impulsos organicamente inerentes à vida, representados pelo conceito nietzschiano de *vontade de poder*<sup>4</sup> (*Wille zur Macht*), em favor de valores transcendentais, pela degeneração da *vontade de verdade*, que pressupõe permanência em detrimento ao devir, o eterno em desestima ao tempo, onde em favor de uma vida transcendente, que se julga melhor, nega-se o valor da vida imanente, movimento que reverbera e se alastra pela Europa por toda a idade média com o cristianismo, centrado na figura de Deus. Na modernidade o niilismo adquire uma nova roupagem, Nietzsche anuncia a morte de Deus, e no lugar dele põe-se o homem, sob a tutela da ciência, a *vontade de verdade* adquire novos contornos, segue a desvalorização dos valores, mas agora alicerçando-se na desmedida busca pela

<sup>2</sup> O conceito de vida passa por um desenvolvimento ao longo de todo o pensamento de Nietzsche. Tomamos partido, nesse contexto, da definição que concebe o caráter mais fundamental da vida como uma luta constante de forças que buscam expandir sua vontade de poder. Seja no âmbito do homem em si, mental e fisiologicamente, seja em relação a outros, e assim se segue para tudo que há na vida, tanto no macro quanto no micro, o arranjo hierárquico oriundo da relação agonística das forças é incessantemente atualizado pelo combate em busca de afirmação.

<sup>3</sup> A utilização do termo “esquecimento” é uma clara alusão à proposta de ontologia fundamental de Heidegger que aponta a história da metafísica, como a história do esquecimento do ser.

<sup>4</sup> Impulso de afirmação do caráter fundamental da vida, modo de ser de todo vivente, deliberação da vontade orgânica que visa sobrepujar quaisquer outras, intrinsecamente ligada ao conceito de vida.

verdade científica, o homem moderno, aspira permanência na concepção de sujeito, em proveito do desenvolvimento da ciência, espera melhorar a vida, e por conseguinte, a crença nesse futuro melhor implica de um ajuizamento epigonal de desvalor da vida. Ainda na modernidade, o último homem, reage à morte de Deus e consequente perda dos valores superiores da seguinte forma: se não há Deus, tudo é permitido, pois não há valor na vida. Uma conduta pessimista toma posse da orientação no último homem, a desvalorização da orientação do modo de ser da vida rebaixa-se ao nada, e Nietzsche adverte: “Quem se despreza, ainda preza a si mesmo como desprezador” (NIETZSCHE, 2005). A desvalorização da vida, pressupõe, por definição, que haja então uma que deveria ser, referenciando-se mais uma vez, a um ideal.

Em última instância, a crítica ao niilismo se configura como crítica direta à metafísica e suas pretensões de verdade, e Nietzsche propõe uma transvaloração não apenas à orientação, como também na concepção de metafísica, que é própria de seu pensamento. Ainda importaria salientar, que comungamos, em nossa interpretação da proposta nietzschiana, de que a história da metafísica não seria um erro a ser apagado, mas parte de um processo insolúvel, trata-se da necessidade de que o niilismo seja experienciado, para então se ensejar superá-lo. Deste modo, ainda que não veladas as evidentes discrepâncias observadas na filosofia de Nietzsche para com a história das representações metafísicas tradicionais, assim vistas pelo autor, não obstante, faz-se possível conferir, o caráter imprescindível de suas contribuições para a história do pensamento ocidental, tendo deste modo em seus sucessores, e mais propriamente em Heidegger, a interpretação de sua filosofia como um divisor de águas, houve um modo de pensar pré e pós-nietzschiano.

### Referências

HEIDEGGER, M. *Nietzsche* (vol. I). Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. *Além do bem e do mal*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

OCKHAM, W. *Textos escolhidos*. Trad. Carlos Lopes de Mattos. Abril Cultural: São Paulo, 1973.

VATTIMO, G. *O fim da modernidade*. Trad. Eduardo Brandão. Martins Fontes: São Paulo, 2002.

Submissão: 25. 10. 2022 / Aceite: 27. 10. 2022